

CHEGA DE DIVERSÃO | POR RENATE REUTHER

Posted on 16. November 2020

Porque é que agora mesmo não há silêncio, mas a celebração é um dever civil.

Um comentário de Renate Reuther.

O novo bloqueio, leve ou pesado, impede celebrações coloridas na época cinzenta: do carnaval ao Natal. A proibição da união em várias ocasiões mostra o que os governantes realmente pensam dos cidadãos governados: Falam de responsabilidade pessoal e ameaçam punir qualquer pessoa que se julgue diferente. Na verdade, o tempo tradicional mascarado oferece boas oportunidades para arrancar as máscaras das faces dos governantes. Renunciamos a isso porque os governantes nos proibiram agora de nos reunirmos, com ou sem fato e máscara? Será que nos permitimos realmente ser privados das festividades e dos velhos rituais dos nossos antepassados, que sempre deram apoio às pessoas em tempos difíceis? O autor fornece a resposta a esta pergunta.

"A paz é a primeira obrigação do cidadão". Internalizámos esta frase até ao ponto da auto-negação. Permanecemos calmos, mesmo que metade das nossas vidas nos seja retirada: o tempo de lazer auto-determinado que é tão importante para o nosso bem-estar mental, a base da nossa saúde. Tudo o que serve de entretenimento deve ser proibido em toda a Alemanha durante todo o período de bloqueio, devido à crise da coroa (1). Há pouco vem a proibição geral da diversão. Agora teria começado de novo com os acontecimentos selvagens: Halloween, abertura do carnaval, desfiles de Martin, mercados de Natal...

A chanceler e os seus vassalos nos países não querem ouvir mais nada sobre diversão, celebrações e descuido. Já sabemos isso. Desde a cristianização, as autoridades têm sido um espinho no lado da diversão pagã. Estes rituais, que as pessoas levam a cabo desde tempos imemoriais nos tempos negros do Inverno, foram proibidos, reinterpretados, curvados para além do reconhecimento, e finalmente reduzidos ao mínimo. Será que agora vão receber o golpe fatal?

Luz na escuridão

Para os nossos antepassados celtas, o meio ano de inverno começou no dia 1 de Novembro. A colheita foi trazida para dentro, o gado foi engordado. Depois vieram as longas noites escuras com todos os perigos de

uma natureza concreta e mágica.

Nas noites em que os mortos, fantasmas e demónios apareciam, ameaçavam e exigiam. Aos visitantes indesejáveis foram oferecidas mesas dispostas, apresentadas com arranjos de comida e flores e luzes acesas. Encorajava-se por celebrações e festas selvagens. À volta dos pátios desenhava-se um círculo de feitiços através de uma procissão sonora para obter a paz nocturna e da alma.

Temia-se o Exército Selvagem nas noites de tempestade, a Bertha Selvagem, o Perchten ou Wodan, que mais tarde se disfarçou de Nicholas (2). O nosso demónio também tem um nome. Como muitas divindades, ele é multifacetado e não é muito compreensível: Vírus, Corona, Covid... Segundo o governo, ele adora álcool e festas selvagens, proximidade e erotismo - tal como os Perchten e as figuras carnavalescas.

Não devemos afastar este demónio por meio de ruidosos movimentos ou por prazer comunal. A partir de Novembro, a dança será proibida, tal como a antiga regra da igreja: St. Kathrein (25 de Novembro) deixará de dançar. A regra, tal como no passado: contemplação no círculo familiar, em casa, na sala de estar. A hora do stadel! (3).

Proibição como um ritual

Os rituais ancestrais de proibição com proibição de contacto, álcool e proibição de dança só têm sido eficazes em parte há mil anos. Quem acredita que desta vez pode ser aplicado, já se rendeu sem luta.

Será que o encerramento do Outono na estação escura e fria se tornará tanto um ritual como o Dia de Todos os Santos, Dia de Todas as Almas e Domingo da Morte? O primeiro bloqueio não derrotou o vírus, mas as autoridades insistem em repetir o ritual devocional.

Parece que já não se pode confiar nos adultos para se encontrarem para tomar café, beber dois copos de vinho com jantar num restaurante ou algumas cervejas com amigos num pub. Demasiado perigoso, porque os governantes esperam constantemente explosões de alegria e erotismo, celebrações desenfreadas e bebedeiras constantes.

Nos tempos antigos, perante a morte e o Inverno, agimos realmente dessa forma. Por esta altura, já há

muito que nos tornámos civilizados e maneirados, de acordo com regulamentos imperceptíveis. Não temos?

As nossas autoridades, por outro lado, apercebem-se agora que se agarram à sua imagem humana dos pagãos selvagens, que devem ser agarrados às rédeas ou sob o chicote. Por conseguinte, o Chanceler adverte: "Tendes de ser muito bem comportados agora, caso contrário o Natal será cancelado e não haverá presentes (4).

A selvajaria como protesto

Apesar das proibições, os nossos antepassados insistiram nos seus rituais reconfortantes de Inverno, com um gozo desenfreado da vida num ambiente de trabalho e miséria na sua maioria sombrio. A resistência também pode ter este aspecto.

Esta selvageria aparentemente instintiva pode ser uma resistência política, mas quem poderia tê-la provado? Se a procissão selvagem fosse liderada por São Nicolau ou São Martinho, quem a queria proibir?

Os governantes e os súbditos são incertos sobre quem prevalecerá nesta luta pelo poder. É por isso que ambos agem como se nada estivesse errado. É por isso que jogamos. Vemos através das mentiras do vírus assassino, da protecção da saúde para o nosso próprio bem, do bloqueio eterno, que é apenas uma excepção.

Mas não arrancamos a máscara da cara dos que estão no poder. Fingimos estar de acordo. E nós sabemos melhor.

Tornámo-nos mais calmos como uma sociedade. Sentamo-nos muito. Não fomos forçados a sair para a rua desde que tínhamos luzes na casa e música e imagens em movimento. Que outros demónios temos a temer?

Acreditávamos que a morte era vencida, quer pelo cristianismo, quer pela medicina. E agora está de volta. Ele é o rapaz chicoteador das frases dos nossos governantes famintos de poder. O poder das trevas está de novo a alcançar-nos, no meio da vida.

Conforto e esperança

Apesar de sermos anfitriões de cientistas e de um governo assertivo, somos supostamente impotentes. Na nossa impotência e desorientação tornamo-nos de repente crianças, que têm medo do escuro. O nosso governo dá-nos a sua ajuda. Em troca, toma os nossos direitos básicos, as nossas poupanças em seguros e o orçamento do Estado. Tira até os fundamentos mais simples da vida, como o ar fresco e a interacção humana. Ela tira-nos a vida quotidiana e as nossas celebrações.

Os velhos rituais sempre deram apoio às pessoas em tempos difíceis. No passado, cada Inverno era um período difícil, uma luta entre as forças da vida e da morte.

Desde tempos imemoriais, a Igreja encomendou quarenta dias de jejum e penitência antes do Natal. Estamos a ser empurrados de volta a isso. O nosso governo acusa-nos de imprudência e descuido. Temos de pagar por isso. Estamos a ser postos de lado, estamos a ficar silenciosos e silenciosamente desesperados.

Poderíamos encontrar conforto nos rituais cerimoniais tradicionais dos nossos antepassados. Durante quase mil anos, desfiles, festas comunitárias, cantos e danças foram regularmente proibidos até ao século XIX. Da mesma forma que regularmente as proibições eram ignoradas, contornadas e minadas, caso contrário não teriam de ser renovadas repetidamente (5).

A partir desta insistência podemos retirar esperança. Os nossos antepassados sabiam o que era bom na estação das trevas, e por isso todos os anos havia vinho com pão de gengibre, bolas mascaradas e cânticos de cânticos. Se formos tratados como crianças menores de idade, podemos ser desafiantes: Queremos manter as nossas festas de Inverno.

Celebrar é um dever cívico!

Fontes e observações:

1. Das ist verboten, das ist erlaubt — diese Corona-Regeln gelten ab Montag, welt.de, 29. Oktober 2020.
2. Renate Reuther, Enthüllungen über Holle, Percht und Christkind, Leipzig 2017, Seite 35 folgende.
3. Rolf App: [Und in der Mitte steht immer der Teufel](#)
4. Pressestunde vom 2. November 2020, laut *Bild* vom 3. November 2020.

5. <https://www.youtube.com/watch?v=TAoJ8GiXEjw>

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Este artigo apareceu pela primeira vez em 12 de Novembro de 2020 em [Rubikon](#)

+++

Nota sobre o artigo Rubikon: O texto seguinte apareceu pela primeira vez em "Rubikon - Magazin für die kritische Masse", em cujo conselho consultivo Daniele Ganser e Rainer Mausfeld estão activos, entre outros. Uma vez que a publicação foi feita sob uma licença gratuita (Creative Commons), KenFM assume este texto para uso secundário e assinala explicitamente que o Rubicon também depende de doações e necessita de apoio. Precisamos de muitos meios de comunicação alternativos!

+++

Fonte da imagem: [Kamil Macniak](#)/ shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK